N.º 2—20 de Março de 1915

A IDEIA NACIONAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

N.º 2 20 de Março de 1915 ANNO I.º

A IDEIA NACIONAL

REVISTA POLITICA BI-SEMANAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

SUMMARIO

SECRETARIO GERAL: Victor Falcão. EDITOR-ADMINISTRADOR: Antonio Rocha. Propriedade de Homem Christo Filho. Redacção, administração e officinas de comp. e imp. Rua de Arnellas — AVEIRO. Escriptorio em Lisboa — R. da Emenda, 30.

Escrevem n'A IDEIA NACIONAL:

Ramalho Ortigão
Conselheiro Ayres de Ornellas
Homem Christo (CARTAS DE LONGE)
Alberto Pinheiro Torres (QUESTÕES RELIGIOSAS)
Lord Henry (PHILOSOPHIA POLITICA)
Conselheiro José de Azevedo Castello Branco
João do Amaral (O MEU DIARIO)
Conde de Sabugosa
Lourenço Cayolla (QUESTÕES COLONIAES)
Antonio Emilio d'Almeida Azevedo
João da Nova (QUESTÕES DO DIA)
Conselheiro Anselmo Vieira (QUESTÕES FINANCEIRAS)
G. Jean Aubry (QUESTÕES ESTRANGEIRAS)
Victor Falcão (NOTAS POLITICAS)
Etc., etc.

Toda a correspondencia relativa a esta Revista deve ser dirigida ao SECRETARIO GERAL.
Cada exemplar d'A IDEIA NACIONAL custa 50 reis

REVISTA POLITICA

O indulto concedido ao incendiario da Magdalena foi o grande acontecimento da semana. Raras vezes a opinião publica se tem apaixonado tanto por uma questão como se apaixonou por esta e raras vezes a indignação nacional contra os crimes do regimen tem sido tão intensa e tão palpavel.

De facto, entre os innumeros escandalos de que até hoje foram auctores, protagonistas ou cumplices os homens da Republica, nenhum sobreleva a este como prova da degradação moral d'esta gente, como testemunho insophismavel da sua ausencia absoluta de escrupulos, da sua espantosa venalidade, da sua falta de respeito pelos mais elementares preceitos de justiça e pela honra e o decoro nacionaes.

O indulto do Leandro Gonzalez não é somente uma grande monstruosidade, uma injuria ás pobres victimas do odioso crime da rua da Magdalena, um ultraje á justiça, que desafia as coleras dos homens e a colera de Deus.

Esse acto inqualificavel não só deshonra os homens que, á frente do governo solemnemente prometteram realisa-lo, como envergonha o paiz em que elle foi possivel *sem que os seus auctores fossem immediatamente castigados e marcados para sempre com o ferrete da ignominia e do opprobio.*

Eu não accuso o snr. general Pimenta de Castro, que se limitou a cumprir um compromisso anteriormente tomado com o governo d'um paiz extrangeiro, compromisso a que não podia nem devia faltar por amor do seu nome, por amor do bom nome da sua terra. Essa doutrina de que se deve prometter e faltar, affirmada e sustentada publicamente pelo ex-presidente de ministros Bernardino Machado, é a confirmação indiscutivel, a ultima prova de que esse homem que, para desgraça nossa, já presidiu aos destinos d'este povo, é uma creatura absolutamente destituida de senso moral, indigna da consideração publica e indigna da consideração pessoal seja de quem fôr.

Eu não accuso o snr. General Pimenta de Castro, para cima de quem se querem atirar as responsabilidades d'um crime já consummado quando elle subiu ao poder. Mas accuso com toda a energia d'uma consciencia que se sente ultrajada, certo de que interpreto a consciencia ultrajada da nação, o miseravel ou os miseraveis que, abusando do logar que occupavam illegitimamente, não hesitaram em arrancar o incendiario da Magdalena á justa expiação do seu crime, para satisfazerem interesses inconfessaveis de aventureiros da peor es-

pecie, á custa da honra e do brio da nação para sempre irremediavelmente compromettidos.

O snr. Bernardino Machado e os que o defendem e tem a audacia de accusar o governo actual, declaram que a Hespanha não exigiu *mas apenas* sollicitou amigavelmente *o indulto do Leandro? Pois muito bem; isso é apenas uma aggravante do seu crime. Se a Hespanha não exigiu, como não podia exigir, se a Hespanha não fez imposições de ordem alguma, como não podia fazer, a que mobil obedeceram então, tomando um compromisso que, mais tarde ou mais cedo, teria fatalmente de ser cumprido? Se o governo do paiz visinho tivesse abusado da sua força para fazer uma imposição d'essa natureza, a resposta do governo do snr. Bernardino Machado poderia ser imperdoavel fraqueza, vergonhosa abdicação dos direitos d'um povo livre. Mas essa falta se tivesse sido apenas um acto de imbecilidade ou de covardia, teria talvez, aos olhos da nação e aos olhos da justiça, a attenuante de poder ser inspirada por uma intenção nobre, o desejo de evitar, mesmo á custa d'uma humilhação, um conflicto cujo desenlace podesse ser fatal para a gloriosa patria portugueza.*

Mas se assim não foi, se é o proprio snr. Bernardino Machado que o proclama e affirma publicamente, as suas declarações são gravissimas, porque veem confirmar uma suspeita tremenda de ha muito enraizada no espirito publico e esclarecer definitivamente uma questão que, sem ellas, teria ficado ainda envolta de mysterio.

*

* *

E' notorio e todo o paiz o sabe, que o incendiario da Magdalena possue uma grande fortuna e nunca hesitou, desde o dia em que foi preso, em gastar todo o dinheiro que fosse necessario para recuperar a liberdade. O snr. Alexandre Braga só o foi defender em troca de honorarios fabulosos e deveria receber uma quantia consideravel como recompensa dos seus serviços, caso o julgamento se terminasse por uma absolvição. O Leandro foi condemnado, depois d'um longo processo que apaixonou a opinião publica, á pena maxima. O snr. Alexandre Braga não recebeu pois, essa quantia, e ninguem ignora as inexgotaveis necessidades de quantias *que tem o snr. Alexandre Braga. N'essa epocha, tambem ninguem o pode ter esquecido, os jornaes republicanos, amigos e correligionarios do advogado referido, com raras excepções, se excepções houve, procuraram por todas as formas, e Deus sabe em troco de que beneficios, destruir a convicção unanime da culpabilidade do criminoso e exercer pressão sobre o jury que devia julga-lo. Essa é uma das maiores infamias comettidas pelo partido repu-*

blicano antes de ser governo. Tudo em vão, porque, repito, o incendiario foi condemnado á pena maxima. Era de presumir, e notorio é tambem, que depois da condemnação, nem o criminoso nem o seu advogado desanimaram. E desde logo tudo indica e é sabido, que este aconselhou ao Leandro, como unico e ultimo recurso, conseguir que o governo hespanhol fizesse ao governo portuguez um pedido de indulto. Era talvez possivel, com habilidade e bons argumentos, convencer alguns elementos d'influencia politica no seu paiz, da sua innocencia, e leva-los a communicar ao governo hespanhol esta convicção.

O Leandro poz-se em campo. O snr. Alexandre Braga, pelo seu lado tambem não descançou. E sem discutir, porque de resto o ignoro, os meios porque o conseguiram, o certo é que essas pessoas de influencia foram encontradas, convenceram o governo hespanhol da cruel injustiça *de que fôra victima o Leandro, e o pedido de indulto veiu, uma, duas, tres vezes. E uma, duas, tres vezes, os governos da monarchia, esses governos calumniados por Alexandre Braga e consocios, recusaram-se sempre firmemente a satisfazer os desejos manifestados pelo governo hespanhol. E o Leandro continuou na prisão a expiar a sua culpa.*

Um dia proclamou-se a Republica. O snr. Alexandre Braga redobrou de actividade, os amigos do Leandro, ou do dinheiro do Leandro, mexeram-se; e os pedidos de indulto já varias vezes formulados no tempo da abjecta *monarchia, e varias vezes indeferidos, varias vezes se repetiram.*

Os governos republicanos, recuando perante tamanho escandalo, foram resistindo, provavelmente com grande desgosto e indignação dos dois interessados, os snrs. Alexandre Braga e Leandro Gonzalez.

Até que um dia veiu do Brasil para governar este pobre paiz, esse santo varão que se chama Bernardino Machado. O snr. Alexandre Braga era o leader do partido dos escandalos, amigo pessoal do Bernardino, esteio do regimen e ornamento illustre do referido partido. Julgou pois a occasião opportuna para tentar uma vez mais o grande golpe; e depois de ter trocado impressões *com o seu amigo e collega Affonso Costa, e com varios outros amigos e collegas do mesmo jaez, o insigne deputado democratico e o illustre advogado snr. Alexandre Braga,—ao mesmo tempo que o Leandro removia no seu paiz as ultimas difficulda-*

des e conseguia por intermedio dos seus amigos illudir ainda a boa fé do goveino hespanhol—preparava o terreno em Lisboa.

E de tal forma se desempenhou d'esta missão que o pedido do governo hespanhol foi recebido, quando chegou, de braços cordealmente abertos pelo então cordealissimo presidente do conselho de ministros da Republica, snr. Bernardino Machado, que comprometteu a sua palavra, em nome da nação, embora sollicitando cordealmente um pequeno prazo para a execução da promessa, pequeno praso que, uma vez o compromisso solemnemente tomado, lhe foi tambem cordealmente concedido.

Bernardino cambreolou do poder para a Avenida Cinco de Outubro e succederam-lhe os snrs. Victor Hugo eAlexandre Braga. Estando este no poder, pôr o Leandro na rua seria tambem pôr tudo em pratos limpos e por isso a Hespanha não foi sollicitada para lembrar o cumprimento da promessa. Mas o ministerio durou a vida das rosas e quando o exercito, por intermedio do snr. Manuel de Arriaga, entregou ao snr. general Pimenta de Castro o governo da nação, este bomem de bem, sem uma nodoa na sua vida, incapaz de faltar á sua palavra como particular, entendeu e muito bem que tambem não podia, nem devia, como homem publico e chefe do governo, recusar-se a cumprir, quando lh'o reclamava um governo extrangeiro, a palavra dada em nome da nação por um governo anterior.

E o Leandro Gonzalez, incendiario da Magdalena, auctor do assassinato monstruoso de quatorze pessoas, foi ha dias posto em liberdade e conduzido á fronteira, em companhia de dois amigos e de duas balas que um imprudente lhe metteu no corpo ali em Villa Franca de Xira, mas que, felizmente para elle e para o snr. Alexandre Braga,—homens de sorte!—lhe pouparam a vida com muito mais benevolencia e carinho do que as chammas que carbonisaram os corpos das suas quatorze victimas.

Ora, dias antes de ser assignado o indulto, um homem bem intencionado, conhecedor de todos os fios da trama, velho amigo pessoal do snr. Presidente da Republica, procurou-o em Belem, horrorisado com o que ia succeder e disse-lhe ao ouvido, sorrindo tristemente, estas eloquentes palavras:

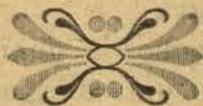
—Manoel, vê o que fazes, olha que andam ali quarenta contos!

*

* *

Dizem os jornaes que na manhã em que o Leandro sahiu da Penitenciaria esteve ali, para lhe falar, o snr. Alexandre Braga. O Leandro já tinha partido. Informam-me tambem, não sei com que fundamento, que o snr. Alexandre Braga recebeu hontem de Badajoz uma carta volumosa.

Será verdade?

Parece que o snr. Bernardino Machado confirmou este boato em declarações publicadas nos jornaes.

O Conflicto Europeu

POR

AYRES DE ORNELLAS

O Imperio britannico na guerra actual

Na historica sessão de 6 d'Agosto na Camara dos Communs, o primeiro ministro da Gran Bretanha revelava por entre o pasmo de um auditorio que ia ser o mundo todo, como a Allemanha pretendera *comprar* a neutralidade britannica a troco da garantia do territorio continental francez e da restituição da independencia e integridade aos belgas de cujo territorio entendia dever *servir-se:*

«A proposta allemã significava pois que atraz das costas da França deixariamos as mãos livres á Allemanha para annexar a totalidade das possessões extra europeias francezas.

«E acceita ella, que resposta poderiamos dar quando a Belgica veiu apellar para a nossa garantia? Eramos forçados a responder que tinhamos negociado a obrigação de manter a nossa palavra com a propria potencia que a ameaçava.

«Qual teria sido a nossa situação se tivessemos consentido nessa *proposta infame* (**Infamons proposals**)? Uma promessa e mais nada: promessa feita por uma potencia no momento preciso em que por outro lado faltava á sua palavra. E cobertos de deshonra, teriamos atraiçoado os interesses da nação».

Nunca, em Parlamento algum, se estygmatisou mais duramente a falsa fé de uma nação. E Asquith continuava:

«Se me perguntam porque vamos á guerra, respondo em duas palavras.

«Primeiro, no desempenho de uma obrigação internacional, obrigação que se existisse entre dois particulares no decorrer habitual da vida, seria considerada empenho de honra a que ninguem com respeito por si proprio se poderia eximir.

«Segundo, porque combatemos para fazer triumphar, n'esta hora em que a força bruta parece ser o factor dominante, o principio de que as pequenas nacionalidades não devem ser esmagadas, violando a boa fé internacional, ao bel prazer d'uma grande potencia, abusando da sua força.»

Não se diz mais, nem se diz melhor. Está aqui registada para sempre a razão da grandeza do Imperio britannico no respeito da fé jurada, no culto da liberdade, segredo do seu crescimento, alicerce da sua força; a guerra vae bem depressa revelar o que esta tem de universal. Nas nações como nos individuos, honra, brio, dignidade, não se offendem impunemente. Por isso na proposta allemã, na resposta britannica está apanhado em flagrante o caracteristico das duas raças. Para vergonha de uma, para gloria da outra! Affirmação da força bruta tão descarada no seu cynismo, tão pesada no desprezo do direito, não a conhece a historia. Desde que surgiu no horizonte europeu a ameaça allemã, uma pergunta anciosa assomava a todos os labios: «Que fará a Gran Bretanha?» Foi a Allemanha que lhe intimou a resposta, que até lh'a impoz.

E com tamanho desconhecimento do caracter desse grande povo, que era licito desde logo ver nesse erro commettido no calculo dos valores moraes, o preludio d'aquelles outros perante os quaes succumbem os Imperios.

«Um Imperio que soube criar a potencia mas não a soube empregar, assim definia Balfour, na reunião do Guildhall, pouco tempo depois, n'uma, d'estas phrases lapidares de que os homens d'estado britannicos tem o segredo, a causa da fallencia allemã: a differença nitida entre uma *ambição* e uma *politica*. Esta tem sobretudo que *fazer durar;* é o aproveitamento lento e paciente das circumstancias a favor de uma ideia guiadora. Tal foi a criação da mocidade nacional em França durante trinta e tantas gerações de reis. Tal entre nós a politica da Casa d'Aviz, preparando, orientando e estabelecendo a expansão nacional no nosso dominio ultramarino; tal a politica da casa de Bragança, restaurada a independencia nacional, garantindo sempre ao paiz o seu logar no equilibrio europeu, desde a Paz d'Utrecht ao Congresso de Vienna e aos dos nossos dias, por meio d'aquella alliança britannica, condição essencial do nosso dominio colonial. Tal é para a Gran Bretanha a acquisição e conservação do senhorio do mar, condição essencial á vida de uma nação insular, executada com tão tenaz paciencia desde a Good Queen Bess até á guerra actual. Vejamos por outro lado que ancia desenfreada dos resultados, que ignorancia do saber esperar, por falta de ponderação nos meios moraes, tudo signaes bem seguros d'inferioridade de raça, nos revela a cada passo a *veld politik!* Como tudo isto se documenta eloquentemente na obra do ex-chanceller allemão, Principe de Bulow — *Politica allemã,* acção eminentemente pacifica, a da Triplice alliança, quasi consequencia das tendencias pacificas da politica mundial allemã. «Mas a paz mantinha-se, não tanto porque os allemães se abstivessem de atacar os outros paizes, mas porque estes sobretudo receiavam a resposta allemã». Isto é, a Allemanha especulava com o

receio que a enorme força militar do Imperio causava; e julgava por consequencia que tudo lhe era licito. Ao referir-se á crise bosniaca de 1908, o chanceller diz positivamente: «A espada allemã era lançada na balança da decisão europeia: ia soar a hora de ver se a Allemanha era posta em cheque pelas potencias attrahidas no circulo da politica anti-allemã, ou se estas achavam os seus *interesses vitaes* conciliaveis com actos hostis ao Imperio».

Francamente, desde a crise da Bosnia para cá a politica mundial, defensiva, dos interesses allemães, tornou-se agressiva e offensiva para os interesses vitaes de todas as potencias. Sentiu-o a França desde Agadir ao Congo; a Gran Bretanha no caminho de ferro de Bagdad e na recusa constante a todas as ideias de reducção de armamentos navaes; a Russia em toda a guerra balkanica; a Italia no equilibrio mediterraneo; o Japão no senhorio do Pacifico, e até nós na posse economica de Angola! Quer dizer, não havia hoje paiz algum no mundo cujos *interesses vitaes* não soffressem directamente com a *defeza* dos interesses allemães. Esta collisão formidavel venceu agora o *receio* da força allemã, na qual, com tão pouca attenção pela dignidade e brios nacionaes alheios, parecia contar exclusivamente Bulow para manter a paz!

A entrada do Imperio britannico na liça, trouxe aos alliados o elemento essencial da victoria. O senhorio do mar já paralysou por completo o commercio e acabou com o dominio colonial allemães, a dois mezes d'abertura das hostilidades: permittiu ainda a vinda para França das tropas das possessões mediterraneas, e d'aquellas que começam agora a desembarcar vindas de todos os pontos do Imperio britannico; são recursos inexgotaveis de soldados que vão crescendo á medida precisamente que o consumo espantoso da guerra vae abrindo brecha na reserva d'homens da Allemanha. A par e passo que o poder allemão declina, sobe por um motivo natural o poder militar britannico. A entrada da Gran Bretanha na guerra torna impossivel a victoria allemã.

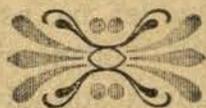
Mas marcou tambem o fim do poder imperialista germanico, no dia em que as tres potencias alliadas pactuavam a nova *Santa Alliança: os governos da Gran Bretanha, França e Russia comprometem-se mutuamente a não concluir separadamente a paz no decorrer da presente guerra; os tres governos convêm em que ao discutir os termos da paz, nenhuma das potencias alliadas poderá pôr condições sem previo accordo com cada um dos outros alliados.*

Notemos que o Japão e a Servia adheriram posteriormente a este instrumento diplomatico; lembremo-nos de que o Gar proclamou a Restauração do Reino de Polonia, que a França já declarou revogado o Tratado de Francfort, e ouvindo as declarações posteriores dos ministros britannicos, acerca da duração da lucta até estar *segura e garantida a liberdade europeia*, não se pode deixar de pensar quão pouco ao iniciar o formidavel cataclysmo actual a Allemanha soube tomar

conta d'aquelles *imponderaveis*, como Moltke chamava as forças moraes, ou de tudo quanto o vencedor d'Iena appellidava com a sua costumada precisão de termos — *La partie divine de l'art.*

Genebra — Outubro de 1914.

Gen.^{al} Ornellas

Philosophia Politica

POR

LORD HENRY

REGIMES POLITICOS

Quando se sae do campo das abstracções doutrinarias para se entrar na região das realidades e contingencias, sente-se uma grande differença, differença que desconcerta muitos bons espiritos, e concorre, em grande parte, para um lastimavel estado de anarchia mental. Estamos, presentemente, a caminho da solução da grande crise que a Revolução franceza abriu, e essa solução comprehende uma volta forçada á reconstituição de doutrinas, systhemas e instituições que essa mesma Revolução abalou. O doutrinarismo dos seculos XVII e XVIII que produziu o movimento politico de 89, fez crer aos homens que os regimes politicos valiam e valem pela somma de logica pura que encerram e não pelos resultados praticos que do seu exercicio decorrem. Em vez de se subordinarem os regimes aos povos, quiz-se subordinar os povos aos regimes. E assim o que um homem, no silencio do seu gabinete, determinado pelo seu raciocinio, imaginou ser bom, util e efficaz — applicou-se sem qualquer especie de restricção, e sem se pensar sequer na psychologia do meio a que elle se applicava. A adopção dos regimes constitucionaes, moldados pelo feitio do regime inglez, não é mais do que a adopção d'essa maneira de pensar. E o facto de em nenhuma parte da Europa, tal regime se aclimatar e dar os resultados que tem dado na Inglaterra, mostra abundantemente o erro d'esses doutrinarios. Um povo não é a consequencia de um regime. O regime é que deve ser a resultante do condicionalismo de um povo. Um regime politico não é tanto melhor quanto mais conforme á minha approvação theorica, ao systhema que idealiso ou satisfaz a minha intelligencia. Não! Um regime é tanto melhor quanto mais corresponde ás necessidades naturaes e normaes de um povo, ás suas qualidades ethnicas, ás suas faculdades mentaes e moraes, ás condições geraes da sua existencia, internas ou externas, aos seus habitos, ás suas tradições, ás suas tendencias hereditarias, etc., etc. A philosophia politica de hoje não pode ser metaphysica: tem de ser integralmente e essencialmente experimental. Não é aos tratados de sciencia abstracta, que eu vou buscar os elementos

componentes da constituição politica de um povo: é na sua historia, na historia das suas instituições sociaes, no que lhe é peculiarmente tradicional. Porque se não adaptaram aos paizes continentaes, o parlamentarismo, o liberalismo inglez? Pela muito simples razão de que o que na Grã-Bretanha reside nos habitos, nas tradições, no modo de ser do povo inglez, nas nações continentaes, isso só existe nas constituições escriptas. Ora o que, para poder existir, precisa da garantia graphica, é ficticio, é instavel, é vão. Não devemos andar á busca de regimes optimos em si. Devemos sim procurar regimes possiveis e que se adaptem ao feitio dos povos. A experiencia politica que a Europa tem seguido desde 1789 — está esclarecendo notavelmente o problema e abrindo os olhos a toda a gente que tem olhos e quer ver. Esta volta ás instituições sociaes do passado, não é mais do que o conhecimento da fallencia do modernismo politico que lançou a Europa continental n'um estado de quasi permanente anarchia. Quem quizer reconhecer, sem grande esforço, a incapacidade dos regimes impostos aos povos, independentemente das suas qualidades fundamentaes, basta-lhe observar a historia politica das republicas latinas do centro e do sul da America, confrontando-as com a republica norte-americana.

E' eloquente e instructivo esse espectaculo, sendo de lastimar que tão pouca attenção se lhe tenha prestado, sobretudo por parte d'aquelles em cujos hombros pesa o grave encargo de dirigir povos. Por mim confesso que poucos acontecimentos na historia me tem impressionado tanto como a observação da vida politica d'essas nações, onde dia a dia se confirma praticamente o espirito das affirmações que acima deixei feitas e que se synthetisa n'esta formula expressiva: os regimes devem ser talhados para os povos, e não os povos para os regimes. Theoricamente, todos os regimes se equivalem. E todos elles affirmam trazer no seu ventre a felicidade inteira dos povos. E todos elles, quando precisam de captar adeptos, se esfalfam a prometter maravilhas que são maravalhas. Simplesmente, porque a vida de um povo é o resultado justo e solido de um longo e demorado passado, e sobre o qual o Presente não tem influencia alguma, acontece que os regimes por muito que queiram e por muito que digam, desde o momento que não se ajustem fielmente á maneira de ser, ao feitio dos povos, ou são camisas de onze varas em que os povos se embaraçam e se anarchisam, ou são andainas tão exiguas que estalam por todas as costuras. Concretisando, porque não faz mal concretisar: liberdade — nem de mais, nem de menos: unicamente a que fôr compativel com os habitos da nação e as suas tendencias. E o que acontece, sob este ponto de vista, com a liberdade que é a palavra usada de todos os tempos, acontece com todas as outras coisas. Reformas politicas, economicas, financeiras, pedagogicas, militares, religiosas, tudo deve ser subordinado á psychologia da hora, para se não cahir no uso em que tanto se tem cahido de se legislar em vão, para

espanto dos homens de senso, e gaudio dos patetas e verbosos — e, no fim de contas, para ruina dos povos. Não somos nada n'este paiz, nem queremos ser nada. Não nos movem ambições de especie alguma: nem a de sobraçar uma pasta de ministro, nem a de empunhar a vara de regedor de parochia. Porisso vemos as coisas melhor do que os outros — com mais serenidade, com mais lucidez, com mais acerto e com mais verdade. Mas se alguma coisa foramos, se estivessem sob a nossa direcção quaesquer forças de natureza politica, nós aconselhariamos a que se estudasse profundamente a historia nacional, não a historia dos reis ou a historia dos tribunos, mas a historia dos factos — independentemente dos homens, a historia dos acontecimentos, independentemente dos espiritos — e o que a historia dos factos nos desse, sem *parti-pris* doutrinario, isso seria a base fundamental da nossa propaganda. Estudar a Propriedade em Portugal, a Religião, a Familia, o Ensino, a sua Colonisação, a sua Civilisação — eis o dever do homem de Estado, o dever do politico, que tem em mira evitar que este paiz continue a dar com a cabeça pelas paredes, na inconsciencia do louco, tão desabridamente que constitue, na Europa já anarchisada, um regular phenomeno de anarchia. Assim como em medicina scientifica se diz que não ha doenças mas sim doentes, o que leva o medico competente a não applicar abstractamente regras therapeuticas — tambem em Politica devemos pensar que cada povo tem um tratamento especial — subordinado ao seu feitio ethnico e á sua capacidade. Os regimes são bons ou são maus, não pela maneira como são applicados — mas pelos resultados da sua applicação, dependendo estes do modo como os povos podem supporta-los, ou seja das suas condições de adaptabilidade. Para um homem do seculo XVIII, o doutrinarismo de Rousseau é o ideal. Para um homem de senso do seculo XX, o estudo da theoria do regime é mero bysantinismo: o que é scientifico, o que é legitimo, o que é pratico — é estudar a nação. Pode-se estudar, analysar, criticar um regime, n'um dia. Para estudar, analysar, criticar um povo — são precisos annos — e bem aproveitados. Fazer uma Constituição, é facil. Fazer uma constituição que sirva a um determinado povo — é obra para muito tempo. São estas as lições da Experiencia. E' pena que d'ella andem tão arredados os espiritos do nosso tempo.

Lord Henry

POR

HOMEM CHRISTO

OS LUMINARES DA MINHA TERRA

A republica deu, pois, o que eu esperava. Os republicanos, uma vez no poder, confirmaram absolutamente as minhas previsões. Havia de ser o... que foi. Fatalmente. Mas imaginem por um instante que republica e republicanos podiam surgir com uma tintura de tacto politico, com um atomo de bom senso, mesmo com os precedentes de desmoralisação e d'inepcia que eu vinha assignalando. N'esse caso, a republica estava consolidada e os republicanos, a esta hora, tinham dominado tudo.

Inepcia immensa!

Por entre esse coaxar de rãs, no meio do silvo d'essas viboras, reptis cheios d'inveja, de despeito, de vaidade, de rancor e d'ambição, sobrelevam lôas phantasticas aos patronos das respectivas capellinhas. Ligorio, em especial, é o maior homem que, depois de Moysés, o mundo tem visto. O maior legislador dos tempos modernos, como lhe chamou, ahi em Agueda, um bacorinho. O marquez de Pombal do seculo XX, como orneou um outro animalzinho, sem offensa do José Caldas, que ainda o poz acima do famoso estadista. Aquelle nosso olympico José Caldas, para quem *não valia a pena instruir o povo*, no tempo da monarchia. E como esses ignobeis engraxadores, que outro nome não teem, termo popular mas expressivo, tantos outros que nem vale a pena referir.

Comtudo, esta é a verdade historica, nunca n'essa terra, em perto d'oito seculos da sua existencia, se encontraram tantas bestas reunidas. Deram-se as mãos a boçalidade e a ignorancia, a presumpção e a villania.

A guerra veiu aggravar a situação já tão precaria a que os dislates de *todos* haviam conduzido essa terra desgraçada. Quero dizer, a guerra deu motivo a que crescessem, a que se avolumassem ainda mais esses dislates.

Era patente, sem mais exame, e desde o dia 1 d'Agosto:

1.º Que a Allemanha seria *fatalmente* vencida, fossem quaes fossem os recursos de que ella dispozesse. E' um phenomeno politico, sempre repetido na Europa desde os fins da Edade Media, que provoca colligações, colligações terriveis, e teimosas, teimosas *até vencerem,* todo e qualquer estado que se eleva e engrandece até ameaçar os outros, ou que rompa o equilibrio necessario. *Isto*

nunca falhou. Só o podiam desconhecer os politicos portuguezes, com a sua assignalada falta de bom senso ou com a sua ignorancia assombrosa.

Não era uma guerra de *liberdade* que se travava, nem uma guerra commercial, nem uma guerra de desforra. Era uma guerra *d'existencia*, motivo mais decisivo e mais alto. Repetia-se contra a Allemanha, e pelos mesmos motivos, a colligação que se formara contra Carlos V, contra Luiz XIV e contra Napoleão I.

O exercito allemão chegava a Paris?

Napoleão I chegou a Berlim e a Moscovia. Carlos V chegou a *Meaux* e Filippe II esteve em *Saint-Quentin.* Chegasse onde chegasse, penetrasse no coração da Russia ou da França, cahisse sobre Londres, que a Allemanha acabaria por ser vencida, pois é uma lei inilludivel da historia.

Causam lástima, esses homens apregoados como grandes lumináres, que andam embebidos em admiração pela força da Allemanha, e apregoando que foi preciso juntarem-se uns poucos contra ella, como se não fosse muito mais poderosa a colligação que ainda hontem, pode-se dizer, se formou contra a França, e muito mais desegual a lucta que então se travou na Europa. A França, sim, que estava só. Hoje a Allemanha tem do seu lado a Austria, nação poderosissima, e a Turquia, que não é para desprezar.

Ora se a Allemanha tem de ser vencida *fatalmente,* nada mais estupido que susceptibilizar a Inglaterra, *nossa alliada,* a propria França, os *vencedores de amanhã,* e sendo certo, não só que se guarda a memoria viva de todas as affrontas recebidas na desgraça, como que a Inglaterra e a França sabem tudo, mas absolutamente tudo, o que se passa em Portugal.

Os politicões portuguezes, esses politicões d'aldeia que teem passado a vida a *entalar* o seu paiz, armando successivas carrapatas, mais uma vez provaram que não são homens, mas cavallos.

2.º O triumpho da Allemanha, se a Allemanha viesse a triumphar, seria sobre o nosso dominio ultramarino um golpe de morte. Sobre isto não se admittem duvidas. E aqui pasma-se! Como é que deante d'isso se desejava *com delirio* o triumpho da Allemanha?

3.º A origem d'esse delirio estava no odio á França. E a França odiava-se porque a ella se attribuia a culpa da nossa demagogia infernal.

Como? Pois foi preciso que a revolução franceza surgisse para que Portugal decahisse e se desorganizasse? Os senhores sabem historia?

Pois foi preciso que a republica, a terceira republica, se proclamasse em 4 de Setembro de 1870 para que Portugal se corrompesse e se anarchisasse? Os senhores sabem historia?

Mas através de tudo, a França é ainda hoje *muito mais* conservadora, *muito mais* tradicionalista, *muito mais* catholica do que nós. *Muito mais* discipli-

nada e *muito mais* organizada, com toda a sua decantada indisciplina e desordem, com sentimentos patrioticos que nos envergonham, com um admiravel espirito de solidariedade nacional nas horas da desgraça, e que nos retalha a cara, a nós, que impudicamente nos rimos d'ella, como um latego.

Com que auctoridade se accusa a França, se lhe tem odio, se lhe vota desprezo, a França, que é, de mais a mais, um glorioso paiz da nossa raça?

4.º Outro erro enorme foi fazer offerecimentos á Inglaterra, adeantarmonos n'esse sentido, offertas que a Inglaterra havia de considerar como um *bluff*, como uma *chantage* partidaria, sabendo ella muito bem que nem as nossas condições militares, nem as nossas condições sociaes, nem as nossas condições politicas, permittiam um auxilio real e efficaz.

Por todos os motivos se devia esperar que fosse ella a primeira a pedir a nossa intervenção, se a julgasse necessaria.

* * *

As nações sobem ou descem, adquirem ou perdem força e predominio, por motivos muito complexos.

Eu não creio que os realistas portuguezes desejassem e desejem ardentemente, delirantemente, o triumpho da Allemanha, como affirmavam e affirmam os republicanos, dando de bom grado o resto do nosso dominio ultramarino por uma restauração monarchica. Não posso admittir essa monstruosidade. Tanto mais que os factos provam, sempre o provaram, e eu sei-o pela minha experiencia, que os politicões nunca representaram n'esse paiz uma corrente d'intelligencia e de bom senso, mas apenas — o interesse egoista, e torpe, de meia duzia de bandidos e de parvos, constituindo as infimas minorias das capellinhas e dos bandos detestados. Todos os monarchicos dignos do nome, alheios a ambições inconfessaveis, sendo de mais a mais problematica a tal restauração monarchica pela Allemanha se a Allemanha triumphasse, permaneceram fieis á politica da alliança ingleza, que é, justamente, um dos titulos de gloria da monarchia *negregada*.

Podiam admirar as grandes virtudes da Germania, como eu as admiro. Podiam preferir o espirito d'ordem, de disciplina, de hierarchia fortemente organizada do regimen militar que a Allemanha representa. Isso é outro caso. Mas viver em ancia pelo triumpho allemão, mas nutrir pela França odio feroz e denegri-la, a proposito de tudo, com raiva concentrada, é que eu não posso acreditar. Todavia, devo dizer por amor da justiça e em honra da verdade, que essa era a atitude d'alguns portuguezes que eu conheci por aqui.

Chegaram, ébrios de rancor por esta nobre terra que os acolheu, a apre-

goar o exercito francez uma vergonha, um excremento, um escarro. Condigno fructo diziam, da *Egualdade!* Exercito, continuavam, rindo, galhofando, da *Fróternidade!*

E era melhor, pergunto eu, o exercito realista em 1789?

E era melhor o exercito imperialista com que Napoleão III se enterrou na lama de Sédan?

Para que collocar estupidamente, e iniquamente, por boçal espirito sectarista, a questão n'esse campo desgraçado?

Escrevi muito, em tempos, sobre exercito, como sobre alimentação publica, como sobre instrucção e educação, como sobre muitas outras coisas d'interesse nacional. Nos tempos em que ninguem me lia! E eis porque eu não admiro que se cochiche pelos cantos que eu só sei... deitar abaixo!

É um caso interessante, que muitas vezes, em cavaqueira, tenho relatado. *O Povo de Aveiro,* de 1908 a 1911, e quando m'o supprimiram ainda ia n'um crescendo espantoso, teve uma circulação enorme. Certa pessoa, da minha intimidade, perguntava-me de vez em quando:

—Porque não escreve, tambem, alguns d'aquelles seus velhos artigos doutrinarios, que eram tão apreciados?

—Não é agora occasião para isso. Mas se os escrevesse, ninguem os lia, apesar dos leitores d'*O Povo de Aveiro* serem, geralmente, das chamadas *classes illustradas.*

A pessoa a quem me refiro não acreditava.

Um dia disse-lhe:

Vou-lhe fazer a vontade. No proximo domingo darei preferencia aos artigos doutrinarios. Mas *O Povo de Aveiro* baixa tres ou quatro mil exemplares.

Palavra santa!

—Agora, conclui, tiremos a contra prova. Domingo farei um numero de excepcional... bordoada. E não só ganho o que perdi no ultimo numero, como mais tres ou quatro mil exemplares.

Palavra santa! Calculos d'esses nunca me falhavam.

Porem retrocedamos.

Escrevi muito sobre exercito e exercitos e lembro-me que alguns d'esses artigos eram precisamente sobre o valor do exercito francez antes e depois da queda de Luiz XVI, e antes e depois do rei da Prussia ser coroado imperador no palacio de Versailles. Não quero agora reproduzi-los, nem posso. Não tenho commigo nem livros nem jornaes. Mas quem lêr entre outras, a bella obra *Les Guerres de la Révolution*, de Arthur Chuquet, e *Les Transformations de l'Armée Française,* do general Thoumas, poderá fazer sobre o assumpto uma idéa exacta.

Chuquet é historiador e critico muito considerado. Os seus volumes: *La Première Invasion Prussienne, Valmy, La Retraite de Brunswick, Jemappes et la conquête de la Belgique, La Trahison de Dumouriez, L'Expédition de Custine, Wissembourg, Valenciennes, Hoche et la lutte pour l'Alsace,* pintam bem o estado de desorganização, de abandono, de penuria do exercito francez sob Luiz XVI e o brilhante estado de perfeição a que sob a Republica chegaram. Factos e pontos de vista incontestaveis, que as publicações da secção historica do Estado Maior francez absolutamente confirmam, como *La Tactique et la discipline dans les Armés de la Révolution, Campagne de 1793 en Alsace et dans le Palatinat,* e outras.

O general Foy não pode ser suspeito de jacobinismo, embora sempre defendesse idéas liberaes. Tem duas estatuas em França, uma d'ellas em Paris, foi grande general e soldado valentissimo, 15 vezes ferido em combate, grande escriptor e grandissimo orador, proferindo os mais memoraveis discursos na tribuna parlamentar. Pois na sua *Histoire des guerres de la Péninsule,* que ahi ficou, tambem, ao abandono entre os amigos mais saudosos, os meus livros, que deixei em Portugal, diz que os exercitos da Republica, por esta formados e educados, foram superiores aos de Napoleão, á parte o valor privativo d'este grande cabo de guerra. E a par, descreve-nos, como Chuquet, o misero estado do chamado exercito real.

Soult, nas suas memorias, *(Mémoires du Marechal Soult)* concorda com essas apreciações. «Nunca, escreve, os exercitos foram mais obedientes e tão disciplinados. Foi a epoca das guerras em que houve mais virtudes entre as tropas».

Antes de 1870, sob o imperio, di-lo o general Thoumas na obra já citada, e no mesmo sentido se pronunciam todos os historiadores, os officiaes do exercito francez passavam a vida nos cafés, zombando dos poucos que se entregavam ao estudo. Tinham sobre o serviço idéas... de cabo d'esquadra. A primeira condição de promoções era ter boa figura e vestir com elegancia.

Quero eu dizer com isto que os exercitos republicanos são melhores que os exercitos monarquicos? De modo algum. Quero dizer apenas que é estupido, e que pode ser contraproducente, julgar por um criterio tão estreito, como o do sectarismo politico, as instituições, os povos, os homens e os factos.

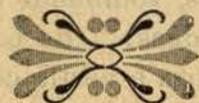
Emfim, vê alguem n'este calor habitual da minha prosa justamente o defeito que censuro, isto é, paixão pela França em vez de paixão pela Allemanha? Pois engana-se. Nunca deixei d'estimar o gloriso povo allemão. Nunca deixei de reconhecer o valor e a grandeza da Allemanha. Não sou injusto com ella, como tantos outros com a França. Mas sobre essa base de justiça, sou antes de tudo do meu paiz e da minha raça. Sou portuguez e sou latino. A isto prende-se um passado e um presente glorioso que não troco, positivamente, pelas glorias teu-

tonicas. Como positivamente, não troco Angola pela Monarchia restaurada nem prefiro Affonso XIII a Affonso Costa.

Não! Jamais! Affonso XIII seria um grilhão d'ignominia, preso por mim proprio aos pés dos meus filhos e dos meus netos, e que os filhos dos filhos dos meus netos arrastariam ainda através da Historia. E o outro é tão ephemero e tão ridiculo que já o paiz se sente assombrado, n'esta altura, de ter tomado a sério, por instantes, um tal bisborria. Assignalado carnavalescamente, pelo dedo do destino, desde a pia baptismal.

Affonso Maria de Ligorio, José Augusto, o velho prégador dos sermões de bacalhau, o Rei da Madureza, pobres truões da decadencia, figuras de cégada, no entrudo perenne do nosso Portugal!

Homem Christo

Chronica da semana

POR

JOÃO DO AMARAL

O MEU DIARIO

8 de Março de 1915.

A guerra trouxe á nossa balbuciante mocidade uma farta colheita de ensimentos.

Sobre a lama das trincheiras, já não bastam á cruel anciedade dos que batalham, as conquistas immediatas da sua percepção sensorial. Perante esse mysterio de *possibilidades* que escapam ás analyses da estrategia, como são mesquinhos os elementos de triumpho que a força e o genio do homem accumulam!

Recordo e applico ao drama da guerra, estas palavras de Maeterlinck, no *Eloge de l'Épée*: «*Elle met en présence non seulement deux forces, deux intelligences et deux libertés, mais encore deux hasards, deux chances, deux mystéres, deux destinées qui par dessus le reste, comme les dieux d'Homére, président au combat, courent, étincellent, s'allongent et se rencontrent sur la lame.*» Esses acasos, esses destinos mysteriosos, marcando, em cada hora que passa e em cada esperança que nasce e adormece, uma *presença* apenas *advinhada* e não apercebida dos sentidos, — são dentro de pouco tempo, na alma e na carne do soldado, uma *realidade* e uma conquista espiritual, — verdade religiosa extranhamente revelada por Deus, n'esta moderna sarça incendiada pela metralha e pela fereza dos homens.

*

As verdades do Ceu affirmam-se na guerra e na guerra se experimentam as verdades da terra.

N'este conflicto de interesses e de raça, é facil descobrir quanto pesou já na balança da victoria o systhema politico porque se regeram os combatentes.

D'um lado, uma raça inferior, sem faculdades proprias de dominio: a raça allemã. Do outro, a raça latina, obreira da mais nobre civilisação que o mundo viu depois da edade classica. Todavia, mau grado a natural superioridade de latinos, é innegavel que nos foi desastroso o primeiro cyclo d'esta contenda.

Ora isto aconteceu porque a Allemanha supriu a mesquinhez dos seus recursos naturaes com milagres d'organisações e de preparações; a pratica zelosa do regimen monarchico-hereditario effectuou e fortaleceu a unidade allemã fundada por Bismarck em 1870, — unidade que durante seculos, desde Carlos Magno, fôra um sonho impossivel de realisar-se. Na França, pelo contrario, o systhema republicano, — regimen da eleição e dos partidos —, diariamente elabo-

bou o enfranquecimento das energias nacionaes, antepondo como de costume aos superiores interesses da defeza economica, guerreira e diplomatica, os interesses immediatos das seitas predominantes.

Vamos agora entrar no segundo cyclo da guerra. A Allemanha poz em jogo toda a sua força. A França ainda não.

Ha oito mezes que os destinos supremos d'este paiz sahiram das mãos da anarquia parlamentar e democratica, para serem entregues a um só chefe, não eleito, e a uma classe onde tudo se regula dentro dos principios realistas da hierarchia e da disciplina. Esse chefe é o general Joffre, essa classe é o Exercito. A França está sendo regida por uma Monarchia; e ha oito mezes que esta Monarchia procura acordar e organisar as virtudes da Raça; se o conseguir a tempo, tenhamos fé na victoria. Mas, em qualquer hypothese, ha-de reconnecer-se que bem melhor fôra realisar, em horas de paz, o sobrehumano trabalho emprehendido agora na nocturna e perturbada anciedade das trincheiras.

Porque a Monarchia de Joffre é um *momento* na existencia da França; ao passo que a Monarchia dos Orleans, descendentes dos Capetos e dos Valois, são seculos e seculos de vida nacional, é a propria historia da grande Nação latina.

9 de Março.

Dois factos que recentemente veem preocupando a opinião franceza, demonstram a imprevidencia, a incapacidade do systhema republicano, no respeitante á defeza diplomatica das nações.

Queixam-se os democratas da imprensa parisiense de que em torno da Santa-Sé se urdiu um trama desfavoravel á victoria das armas latinas. Se ha verdade n'estas lamurias a quem pertence a culpa? A França colhe agora os fructos da intolerancia jacobina que a tem governado.

Em nome dos principios republicanos, moveu-se contra a Egreja Romana uma guerra de emboscadas. Melhor teria sido que, em nome da defeza nacional, se não houvesse quebrado brutalmente as relações que ligavam a França á capital do mundo catholico e se collocasse junto do Papa e da sua côrte um representante dos interesses francezes, habilitado a desfazer diariamente a intriga urdida pela diplomacia allemã. Soffria com isso o immortal principio da neutralidade religiosa? Soffria com isso a republica? Mas, ganhando a França, que importava o resto?

— O outro facto de que desejo falar, refere-se á attitude da Grecia em face do conflicto europeu. A intervenção grega em favor dos alliados estava assegurada e tinha-se já como iminente quando, subito, surgiu a noticia da demissão do gabinete Venizelos: um desaccordo nascêra entre o Rei e o seu primeiro ministro, — este representando a corrente intervencionista, aquelle desejando manter a neutralidade do seu reino. Que factor extranho modificou assim, d'um momento para o outro, a politica externa da Grecia?

São os orgãos da republica franceza quem responde, affirmando ter o Rei Constantino trahido os interesses e os desejos do povo grego para acceder ás instancias de sua Esposa, a Rainha Sophia, irmã de Guilherme II e defensora obstinada dos interesses germanicos.

Medite-se n'este caso e veja-se como seria facil á França evitar ou com-

pensar estas surprezas diplomaticas, desde que o seu governo estivesse entregue a uma dynastia reinante e, portanto, lhe fosse possivel collocar, nas diversas côrtes extrangeiras, princezas e rainhas que, como a da Grecia, tão fervorosamente advogassem os interesses da sua Patria nativa, conquistando-lhe allianças ou, pelo menos, evitando-lhe adversarios.

11 de Março.

N'este amanhecer da Primavera, a belleza das alvas naturaes é prejudicada pela neblina. São 7 horas da manhã e nada se enxerga ainda a um tiro de caçadeira. Ha um nocturno receio na alma da paysagem; e os olhos, desesperados de vêr, já se cansaram de advinhar.

Contemplar o nevoeiro, saber como enroupa as arvores e as coisas na sua tunica de linho; como a espaços fluctúa e vae abandonando as vaidades da terra e ascendendo, n'um rytmo de hymnaico, gravemente, para as lonjuras do ceu; vê-lo esfarrapar-se, etherisar-se e desmaiar como uma virgindade violada pelo Sol,—eis um dos prazeres mais propicios á minha visão e ao meu sentido intimo da vida.

Perto de mim, já começou a debandada dos flócos de espuma adormecidos n'um leito nupcial de relva e bem-me-queres ou romanticamente debruçados sobre os ninhos e sobre os calices das plantas. Cada um d'estes flócos, dispersados e rôtos pela brisa da alva amanhecente, contêm dentro de si elementos de vida autónoma, em forma e substancia eguaes aos que palpitam no seio da grande nevoa que inunda os horisontes e difunde nos vales lacrimosos d'este mundo o mysterio altissimo do Ceu. Por mais pequenas e dispersas que se encontrem, estas parcelas do grande nevoeiro são sempre, são ainda, o nevoeiro todo...

Se eu procurasse, na poeira das palavras e das coisas mundanas, um conceito onde a grandeza de Deus se contivesse; se eu pretendesse explicar a phrase de Santo Agostinho: *sed qui imples omnia, te toto imples omnia;* se me fosse tão licito ver a Imagem da Natureza Creadora no espelho da natureza creada como me é licito procurar no fundo da minha alma a alma de minha Mãe,—eu diria que o nevoeiro me recorda o mais nobre attributo do Senhor, qual é o de *espalhar sobre todas as coisas a vasta extensão do seu Ser infinito e universal, depositando ao mesmo tempo em cada uma d'ellas toda essa universalidade do seu Ser.*

...Um nordeste brandissimo empurra a bruma para o levante como uma columna de fumo algodoado sem extensão nem forma. E eu deambulo d'um lado para o outro da cidade, escolhendo pontos cimeiros d'onde possa dominar esta tragedia feita de côr e de murmurios.

Não fosse a minha linguagem mais esperta em tratar assumptos de mesquinha condição, ou se eu não houvesse sacrificado ás exigencias de dia-a-dia o culto religioso da palavra, talvez agora me não faltassem expressões para contar as maravilhas que os meus olhos descobriram, quer perseguindo o rio na sua descida pelas varzeas, quer montando com elle, ás corcovas, entre serras.

Emquanto o velario da bruma tamisa a luz que alvoresce, todas as côres

esparsas no rebordo occidental da concha celeste são discretas, maguadas e sem grande nitidez.

Nos terrenos almargiados que defrontam e partem do Choupal, a relva assume um tom de messe loira que a geada crestasse ao despontar. Os choupos alongam-se, afilam o seu porte de vegetaes patricios e rezam á Primavera para que esta lhes inflore os braços nús. O Mondego discursa para o mar, inflado agora com as chuvas hibernaes.

Pelejam, á flôr das aguas, cambiantes de violeta, de lilaz e rosas, como se alguem tivesse regado o aquatico jardim com o sangue d'essas princezas do Reino vegetal. Entanto, tão bizarro, cromatico torneio, não enche todo o dorso do Mondego: o tom geral das aguas é monocordio e tranquillo, — chumbo, mercurio limpo e fluente.

...Quem nunca viveu em Coimbra, nem decorou as redondilhas da sua paysagem, nem penetrou como eu no mysterio das suas noites perfumadas e religiosas, não conhece o que ha de mais bello para as romarias d'um espirito portuguez.

A magua dos horisontes quebra, é certo, o gosto da acção e do combate; e, de tão continuadamente contemplar esta paisagem limitada, a gente cria habitos de *analyse* e um amor perigoso do *detalhe*. Supponha-se, porém, que o casarão plantado sobre o morro da colina coimbrã, onde ha sete seculos se ensinam gerações, cumpriu o seu papel superior dando ao genio febril da nossa Raça o methodo e a disciplina educativa que melhor se adaptam a uma descendencia de latinos, — e vêr-se-hia realisado o equilibrio entre o que nós somos e aquillo que deveriamos ser, podendo então dizer-se d'esta queridissima cidade — que seria a terra mais portugueza do Reino de Portugal.

15 de Março

Á hora em que fôr lida esta pagina do *Meu Diario*, já o Leandro ganhou terras de Hespanha e entrou no conforto da sua abastecida liberdade. Entanto, os jornaes que não menosprezam o brio e o prestigio do Paiz commentarão esta lugubre humilhação da honra nacional com as palavras que merece. A mim fallece-me a coragem pra gritar pela justiça dos homens, tão duvidoso estou de que nos assista ainda a justiça de Deus.

Chega-me o informe de que a nota diplomatica da Hespanha onde o indulto de Leandro se impetrava, não continha sómente essa exigencia. Tambem versava o caso de fundar-se um templo hespanhol na capital e insinuava uma solução para a questão da pesca no mar do Algarve. Diz mais a minha informação que os termos d'essa nota claramente mostravam estar o governo do paiz visinho disposto a lançar mão de meios energicos para obter a satisfação d'estes *pedidos*.

Desde que eu principiei, na *Patria Nova*, a tanger o *Toc-sin* patriotico, denunciando a eminencia do perigo iberico, todos os dias surgem factos que firmemente baseiam as minhas desconfianças, ou melhor — as minhas certezas. Os partidos da republica occupados na briga politica e na guerra de extermi-

nio a que os obriga o seu humano instincto de conservação e de defeza, não curam da defeza e da conservação da Patria; nem sequer teem tempo para reconhecer a sua incapacidade perante um conflicto diplomatico em que nós, sem crédito, sem appoio nas côrtes e governos extrangeiros, teremos de ficar estupidamente vencidos.

Mas o que mais atormenta os meus nervos é pensar que este *amanhã* vergonhoso não arranca sequer um grito de pavor. Desceu sobre a gente lusitana aquella apagada e vil tristeza de que o Poeta falava nas vesperas de 1580. Clero, Nobreza e Povo, tudo se enrola n'um pardo manto de cobardia e indifferença.

Áparte alguns artigos de jornaes politicos, enquadrados no meio de chalaças ao snr. Fulano e ao snr. Cicrano, a cobiça extrangeira apenas encontrou pela frente os meus queridos camaradas da *Nação Portuguêza* que, segundo rezam as gazetas, vão fazer na *Liga Naval* uma série de conferencias onde se affirmarão brilhantemente as razões de ser da nossa autonomia. É lastimavel que este reforço da Razão e do Direito trazido á causa da Patria pelas mais brilhantes intelligencias da geração nova, não encontre o apoio das forças defensivas do Paiz: — a republica tudo estragou e perdeu, desorganizando o exercito com reformas democraticas, e desorganisando a sociedade portugueza com todas as suas leis tendentes a sobrepôr á Nação, á familia e ás classes (realidades sociaes tão velhas como o tempo), essa absurda chimera do individualismo revolucionario.

Para levar a cabo esta obra governativa que nos põe á mercê do inimigo, substituiu-se o Evangelho catholico e a propria historia nacional pela Declaração dos Direitos do Homem. E já ninguem se recorda, n'este desgraçado paiz, de que em certo anno da Graça memoravel, sob o velho templo de Santa Maria d'Almacave, o Clero e a Nobreza de Portugal reunidos em Torno do Senhor Rei D. Affonso Henriques, altamente bradaram com seus rijos montantes erguidos para o Céu: — **Nos liberi sumus! Rex noster liber est! et manus nostræ nos liberaverunt!**

João do Amaral

Questões do dia

POR

JOÃO DA NOVA

O phantasma negro

Sobrepujando os incidentes da polpa graúda da politica, mais pittorescos, na verdade, do que irritantes, — ahi temos a intermina questão das subsistencias. Emerge do tablado das paixões partidarias e, por entre lances comicos ou pícaros de todos os can-cans, perspectiva-se como uma sombra de verdadeiro presagio sobre a attribulada vida nacional.

O espirito lusitano não tem já os assomos de virilidade para grunhir ferozmente qualquer exigencia romana: — *panem et circenses,* — porque a epocha não vae para espectaculos exhibitivos de força (sem allusão á dictadura, a meia dose, do snr. Pimenta de Castro), mas rechina, a espaços, qualquer bramido de leão narcotizado ou cosido de facadas. Assim mesmo, como se nos defronta a litanía do pão e da carne, por entre o marulhar de egoismos da cegada politica, não assume proporções tragicas. E' a fatalidade da nossa raça, da brandura do nosso feitio sentimentaloide, futil e banal que põe, em todas as coisas, ainda as mais angustiosas, uma porção de ridiculo, de alvaiade ou de *bâton,* á semelhança de um palhaço, fazendo de esfomeado, ao mesmo tempo que arreguenha a dentuça para fazer rir a multidão alvar.

De todos os lados, pincham energumenos, clamando contra os padeiros que se levantam, a deshoras, para amassar pão que os outros comem. Por toda a parte, estrugem alaridos contra os que, de mais perto, espiolham e mercanciam com a miseria popular, vivendo á sombra d'ella.

Entretanto, esses intermediarios não fabricaram o pão espiritual que os arlequins phoneticos dos comicios prometteram á raia meúda pelo preço da uva mijona. Não foram elles, decerto, que complicaram e torceram os problemas nacionaes, contribuindo efficazmente para que o fermento levedasse, dando esse pão amargo e duro que nem os cães o podem tragar. Mas ajudaram a fazer rodar a caranguejola, pagando, dest'arte, um pouco, a sua tresloucada confiança.

E, com certeza, terão mais remorsos agora por isso, vendo com que gaudio tripudia a incompetencia jacobina, do que propriamente por haverem vendido pão surripiado no peso ou dos generos avariados que, á sorrelfa, impingiram ao consumidor incauto. De qualquer modo, é uma connexão de *bluffs* e um rosario de culpas que todos teem n'este cartorio da Boa Hora da vida. E dia tinha que chegar em que todos, á compita, percebendo o logro, exclamassem de uns para outros, n'um brado retardado de consciencia: — «fizemo-la bonita, não haja duvida»!

Não se pode encarar o problema das subsistencias pelo lado choramingão, assim, á laia de fado rigoroso, em que tanto se compraz a sentimentalidade alfacinha e fadistal. Ha que engolfa-lo em todos os embroglios e trapalhadas politicas, porque elle faz parte integrante da mascarada nacional, — perpetuo entrudo, em que se converteu, n'estes ultimos lustros, a vida lusitana. E não é, tambem, porque nos seja grato á indiosyncrasia de pessimistas de tudo malsinar e tudo aborrecer que nos atiramos, á unhada, aos que nos levaram a tamanha barafunda. Não. Alguma voz se ha de ouvir, não sabemos quando nem aonde, proferindo entre apostrophes na confusão de Babel, palavras sobrias e sensatas. Muito embora a planta seja exotica, n'este rincão á beira-mar plantado, a semente dará seus fructos, porque o culto messianico lhe criará atmosphera. Já passaram de moda os vocabulos bombasticos, mas até, na conjunctura, as expressões usadas e viradas do avesso hão de parecer novas, se alguem as proferir com mais sinceridade e franqueza. Não ha necessidade de grandes ideias, precisa-se, apenas, de uma boa dose de juizo. Com bom senso, com esse rudimentar senso commum, — a que um espirituoso chamou senso raro — teriamos, logo de começo, quando estoirou o maior conflicto da Historia, enchido os estaus de trigo e os açougues de carne. Mas, n'esse tempo, brincava a presidente a pomba da alliança, que o Brazil nos devolveu, com um ramo de oliveira no bico. E os catraeiros do Terreiro do Paço, vendo a pairar alli essa nova especie aquatica, disseram na sua proverbial philosophia — «gaivotas em terra, tempestade no mar»!

Certo é que esse frade bernardino, com as blandicias conventuaes de outras eras, sorrisos frisados e doces, tentou a pacificação da familia portugueza, trazendo comsigo a bonança (suppunha elle, — coitado!) fechada n'uma especie de boceta de Pandora. O mesmo facto se produziu, como outr'ora nos annaes mythicos e em vez do bem, espargiu-se o mal; em vez da paz a guerra.

Possuindo da arte de enganar os truques mais grosseiros, esse polichinelo, com uma ancia presidencialesca que asfixia e uma vaidade, que leva as lampas aos comicos de profissão, não achando amplo o tripolim ministerial, emquanto por lá andou a ensarilhar tudo, vem agora reclamar e dizer, por inter-

medio de um comparsa, que teria feito o novo milagre dos pães, — reproduzir de uma milhões de merendeiras, se não lhe tirassem o amassadoiro das unhas. Quem é que te acredita, pae nobre das comedias de Labische? Basta de entremezes, conselheiro Accacio! Antes nós tenhamos o pão mais caro, a carne mais difficil e pouca, o assucar mais mascavado do que o snr. João Chagas! Antes isso do que tornar a ver-te na Arcada, de sorriso de matrona solerte promettendo, promettendo sempre a mil pretendentes, á mesma hora, a mesma *posta* grauda; falando de paz e fomentando a discordia, a cada canto e a cada passo; fazendo de Camacho, de Antonio e de Affonso, ao mesmo tempo, sendo, afinal, peor do que todos elles juntos. Moliére leva tres actos a definir Tartufo; mas tu, conselheiro estiveste dez mezes a illudir-nos a boa fé e a exgotar-nos a paciencia. Basta!

Do triumvirato já consagrado da Republica, toda a gente presume o objectivo: — arranjar votos e distribuir sinecuras aos apaniguados. E' natural; ao menos dão, emquanto que o conselheiro promette... Raramente a politica deixou de ser essa gafada coisa. Mas o mais perfeito de todos os Accacios, rico, medularmente esperto, sem grandes vistas e pequenos rasgos, sem fôlego, egoista como um saloio, só tem uma coisa a fazer: — provar que vestiu a pelle de cordeiro, sendo lobo, ao invés da fabula de La Fontaine, lançar-se tambem dictador, pegar n'um bastão de general (a unica coisa que lhe falta ser) e conseguir não ser ridiculo. Então, sim, era talvez facil levar-te, em charola, até Belem, mostrar-te os Jeronimos, por fóra, bem entendido, — porque lá dentro — d'essa te livrariamos nós, conselheiro!

* * *

N'unca o livro de Anatole, *Les dieux ont soif* foi tão comprehendido em Portugal, como n'esta era republicana. Se fora uma farça dialogada, qualquer dos traductores, que, por ahi, atropelam a lingua e o espirito gaulez, a poria em scena para fazer, com ella as delicias das plateias, aguçando logo o dente, porque todos poderiam, com facilidade, encaixar carapuças nos homens de cá, — de cabeças mais ôcas e espremidas, — inutil é dize-lo.

Vêde, então a fita que passa: — uma chusma de bachareis pequeninos, e córados. Falliram miseravelmente, depois de arrancharem, piroteando em torno do patrão da lancha que lhes offereceu maior naco de carne da mesa do Orçamento. Depois, a récua dos bifrontes que se bandearam com a bagagem monarchica de roupa suja para o arraial democratico, onde as probabilidades do exito pareciam mais proximas e compensadoras de todas as felonias, descaros e defecções.

Perante a invasão d'esses esfomeados, sem escrupulos e sem talento, os proprios republicanos historicos ou anti-diluvianos estacaram n'um movimento sincero, talvez de repugnancia, —porque alguns d'elles — (diga-se em abono da sua estupidez) eram mais ingenuos e, por isso mesmo, incapazes d'esse impudor de meretrizes.

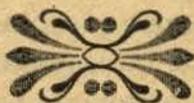
Assistiu-se, então, a um espectaculo de Carnaval em que cada um vestiu os trajes mais berrantes para alardear serviços e dar nas vistas como petroleiros e sanguinarios. Sob a idumentaria verde e encarnada, muitos não sabiam mexer-se; outros punham-lhe em cima, á laia de cordão vistoso, um rosario de guisos para chamar as attenções; e todos, de cambolhada, aos uivos, clamavam e pediam a pelle dos timidos que não souberam servir-se do mesmo guarda-roupa. Por entre esse alarido de festa organizada, ás tres pancadas, ouviam-se, de quando em quando, obscenidades de viella, *piadas* de contra barreira de sol, a torto e a direito, que resoavam depois, nas gazetas da Europa, com reticencias espirituosas. Entre a algaravia, um dos novos pretores, gordo e anafado, já de palanque e de avental de cosinheiro á cinta, arrotava esta phrase historica: — «agora comemos nós»!

Aqui e alli batiam as palmas os freguezes mais apressados, pedindo cangirões de vinho e, uma vez ou outra, o dono da *tasca,* encolerizado, chamava-lhes bebados e farçantes.

Ora, a este banquete, que durou quatro annos, não assistiu o paiz, nem o povo nem os miseraveis de pão e de espirito. Os commensaes tiveram o cuidado de comer á porta fechada, onde o ingresso era só facil aos que apresentavam uma cedula especial de tres mil reis. Porisso, cá fóra, chegaram, apenas, os arrotos dos mais ventrudos, devorando, como tubarões, as palanganas que iam sendo servidas á clientela, por entre berros mesclados de calão. Alguns embebedavam-se, antes mesmo da sopa, com champagne que nunca tinham bebido e que, já agora, pelo *habito recente* lhes é ambrosia indispensavel para as refeições quotidianas. Outros dormiam como dromedarios emquanto os estomagos lêrdos bulhavam com a digestão de giboias. Não admira que, n'este estado de espirito, nenhum dos convivas d'esse festim de Balthasar soubesse interpretar o mysterioso e fatidico nome da pimenta que havia de ser ministrada... a todos quando menos o esperassem. Ninguem se apercebeu das palavras enygmaticas escriptas nas paredes a tinta de carrascão. Entretanto, fechava-se a taberna por falta de comedorias. Havia fome nos lares pobres, desordens por toda a parte, chinfrins por dá cá aquella palha, nas ruas. Descia sobre a vida portugueza um pesadelo lugubre e macabro.

Começou a escassear o pão, subiram, de preço todos os generos de primeira necessidade. A miseria, com todo o seu cortejo de clamores e de lucto, formou-se

como que n'uma avalanche humana. Para onde se encaminha o phantasma negro? Ninguem o pode dizer por ora. É cedo talvez ainda para o ajuste de contas. Mas, emquanto não se apuram as responsabilidades, o côro dos descontentes avoluma-se, a onda dos desilludidos cresce, a celeuma dos ludibriados é um *pandemonium* em que já ninguem se entende, como n'um desmanchar de feira. E' inutil gritar e, todavia, vociferam os miseraveis, os desgraçados: — «quem tornou o pão mais caro? quem nos deixou sem trigo? quem nos reduziu a esta miseria? quem é o culpado de todo este desabar de catastrophes? Para onde vamos?

João da Nova

Factos e Criticas

Organisação monarchica

Tem-se discutido muito, desde a constituição do ministerio Pimenta de Castro, se é ou não conveniente e opportuno para a causa monarchica entrar na lucta legal, concorrer ás eleições e organisar politicamente o partido.

Perante um problema de tão grande importancia as opiniões dividem-se, embora a maioria pense que realmente a organisação politica dos monarchicos é indispensavel, senão para d'ella tirar resultados immediatos, pelo menos para ter na mão uma força que d'um momento para o outro possa ser empregada com exito.

E' esta tambem e de ha muito, a nossa opinião, manifestada logo no 1.º numero d'*A Restauração*, quando ainda em tal se não pensava. Não tivemos por esse facto poucas sensaborias, mas os factos encarregaram-se de nos dar razão e hoje quasi a unanimidade dos monarchicos pensa como nós pensavamos ha um anno.

A organisação politica dos monarchicos por esse paiz fora é um facto que se impõe desde já. A organisação de commissões locaes e a lucta local é uma necessidade urgente. Quanto ás eleições legislativas parece-nos que realmente os monarchicos só a ellas podem e devem concorrer se o governo lhes der as garantias indispensaveis para que o suffragio não seja uma burla. N'esse caso entendemos — e esta opinião não obriga ninguem — que se não deve hesitar. Não acreditamos porém que o governo dê aos monarchicos plenas garantias porque tal seria, como os proprios republicanos o confessam, a morte da Republica. E sendo assim a hypothese da intervenção dos monarchicos nas proximas eleições fica desde já afastada.

Mas, diz-se, para que os monarchicos se organisem é necessario que haja uma direcção superior que os oriente e guie. Talvez. Mas essa direcção não é d'uma urgencia absoluta para a constituição das aggremiações locaes. Uma vez formadas estas, congregados todos os elementos uteis, esse corpo directorial que se reclama surgirá naturalmente.

Tudo louça fina!

A Republica e *O Mundo* n'uma inteira communhão de vistas, estão fazendo uma torpe campanha de diffamação contra o snr. Moreira d'Almeida, illustre director d'*O Dia*, que tem tido a coragem de lhes affrontar as iras e melhor do que ninguem lhes tem sabido desvendar os crimes.

O snr. Antonio José d'Almeida que nunca foi capaz de publicar no seu jornal uma palavra de protesto contra as violencias odiosas de que teem sido victimas os jornaes monarchicos, e que ao mesmo tempo tem tido a pretensão de enganar a boa fé da opinião publica fingindo-se inimigo d'essas violencias, está ameaçando, todos os dias, o snr. Moreira d'Almeida, encapotadamente, de provaveis represalias.

Nós nunca tivemos illusões sobre o snr. Antonio José d'Almeida. Mas a sua hypocrisia começa a irritar toda a gente e bom é que todos se convençam de que o chefe do evolucionismo não é nem melhor nem peor do que os outros mas apenas tão bom como elles.

E' tudo louça fina, como diz com certa graça o nosso collega *O Nacional!*

A Ideia Nacional

Foi realmente um grande successo, tanto em Lisboa como no Porto e nas provincias, o apparecimento d'*A Ideia Nacional*. Nós pedimos desculpa aos nossos sollicitos agentes de não termos podido satisfazer todos os seus pedidos. Fizemos uma tiragem enorme, convencidos de que ficariamos com muito *papel* em casa. Enganámo-nos e esperamos que nos sirva de emenda a licção.

Escrevem-nos varias pessoas que muito apreciaram o esplendido artigo do nosso querido amigo e illustre jurisconsulto snr. Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, perguntando-nos se o seu trabalho não tem seguimento. Tem, e até já temos em nosso poder os artigos seguintes que constituem um estudo por todos os titulos notavel e que serão publicados nos proximos numeros d'*A Ideia Nacional*.

Tambem despertou grande interesse o artigo *A Ordem* do nosso eminente collaborador Lord Henry, um dos mais bellos espiritos do nosso tempo. Como já succedera n'*A Restauração*, recebemos muitas cartas perguntando-nos quem se esconde por detraz d'aquelle pseudonymo. Os nossos correspondentes deitam-se a advinhar, fazendo as mais variadas conjecturas sem nunca acertarem. Mas que lhe importa saber quem é esse notavel lord que lhes dá tão bellas paginas? Não vale a pena insistir porque o segredo dará comnosco entrada no tumulo. Lord Henry é um grande espirito, um grande pensador e um grande escriptor, com um temperamento especial, inimigo da popularidade, escrevendo para elle proprio e não para alcançar vãs glorias.

Não perturbem as suas cogitações!

O sapateiro Covões

O snr. Ricardo Covões, com estabelecimento de sapataria na rua Luz Soriano, 48, Lisboa, annunciou em um dos ultimos prospectos que fez distribuir, réclamando a sua casa, que o governo do general snr. Pimenta de Castro "pelos actos parece tentar fazer a demonstração da incompetencia politica dos partidos da Republica e a reconstituição dos partidos monarchicos, senão da propria Monarchia".

Quando o snr. Ricardo Covões resolve offerecer ao publico ledor o resultado das suas locubrações, o mesmo publico ledor vê-se em palpos d'aranha para advinhar o que o prestigioso sapateiro pretende dizer. Assim, no caso em questão, abstrahindo já da mania de fazer propaganda commercial á custa da politica, a gente fica sem saber para que diabo escreveu o snr. Ricardo Covões aquelle palavreado.

Evidentemente o general snr. Pimenta de Castro não precisa "tentar fazer a demonstração da incompetencia politica dos partidos da Republica", e pela simples razão de que essa incompetencia politica tem sido patenteada mil vezes pelos proprios partidos da Republica, um dos quaes até já fez esta coisa estranha: propôr e nomear deputado o sapateiro Ricardo Covões.

Quanto á outra accusação, a de que o chefe do governo actual pretende reconstituir a Monarchia, cahe tambem pela base, porque não é, infelizmente, exacta. Quem hade apressar a reconstituição da Monarchia, são os proprios republicanos que, pelos seus abusos, pelos seus crimes, pelas suas prepotencias e até pela sua falta de patriotismo, têm facilitado a valer a nossa missão de propagandistas do antigo regimen.

Ministros republiqueiros

O *Paiz*, no seu numero de quarta-feira aprecia com largueza, mesmo com demasiada largueza, a personalidade diplomatica de pechisbeque do snr. Augusto Soares — o snr. Augusto, como lhe chamam os porteiros do ministerio dos estrangeiros — que a Republica foi buscar, n'um momento de aperto, ao restaurante Silva, para sobraçar uma pasta no famoso gabinete Victor Hugo d'Azevedo Coutinho.

Começa d'este modo o artigo do *Paiz*, a que, valha a verdade, não falta vigor e sensatez: "O snr. Augusto Soares veiu, na *Capital* de hontem, fazer-nos lembrar que tinha sido ministro dos estrangeiros no gabinete Azevedo Coutinho. Para que nos veiu o sr. Augusto Soares lembrar uma coisa que toda a gente tinha esquecido?"

Perdão. Ninguem esqueceu que o snr. Augusto foi ministro da Republica. Nem nós, nem os estrangeiros. Nós porque já conheciamos o snr. Augusto e sabiamos que elle não valia a ponta chupada de um cigarro brejeiro. Os estrangeiros porque o ficaram conhecendo a elle e ao regimen vigente que, n'uma hora extremamente grave para todas as nacionalidades, só encontrou o snr. Augusto para resolver os mais complicados problemas diplomaticos.

Por conseguinte, repetimos, ninguem esqueceu que o snr. Augusto foi ministro. A não ser, é claro, o proprio snr. Augusto, que continua a dizer asneiras, em vez de estar callado...

O Vaticano e a guerra

Graças á intervenção do cardeal Agliardi o governo italiano e o Vaticano chegaram a accordo relativo á regularisação dos assumptos ecclesiasticos internacionaes no caso de guerra.

Os embaixadores junto do Vaticano receberão um salvo conducto que lhes permittirá abandonar o paiz e a Santa Sé limitar-se-ha a formular um simples protesto.

O Vaticano continuará no uso do direito de enviar a sua corresponcia em cifra para os paizes estrangeiros, sob a responsabilidade directa e a assignatura do cardeal secretario de Estado.

Na parte respeitante aos correios que tenham de atravessar as zonas militares com correspondencia ecclesiastica vinda do extrangeiro, cada caso particular será objecto de uma *entente* entre as auctoridades italianas e a chancelaria do Estado.

Chama-se a attenção dos estadistas repuqueiros portuguezes para estas informações.

«Os dois ganhões»

Com este titulo publicou o ultimo numero da *Quinzena de Portugal*, de que é redactor principal o nosso presado amigo e illustre jornalista sr. Dr. Cordeiro Ramos, um brilhantissimo artigo de Rocha Martins. Esse artigo em que se compara a figura abjecta do poltrão Affonso Costa com a não menos repugnante figura de Costa Cabral, obteve um grande successo porque é realmente um trabalho primoroso.

A Ideia Nacional honrar-se-hia com a transcripção d'esse artigo, se o pouco espaço de que dispõe lh'o não impedisse. Mas aconselha os seus leitores a que leiam o bello trabalho de Rocha Martins, e felicita-o muito sinceramente.

Imprensa

Aos nossos presados collegas da imprensa monarchica *O Dia*, *O Nacional*, *A Liberdade*, *o Jornal da Noite e Patria Nova*, e aos seus illustres directores, muito agradecemos as amaveis palavras com que se referiram ao apparecimento d'*A Ideia Nacional* e ao seu director.

Egualmente agradecemos os termos de boa camaradagem jornalistica com que fomos recebidos pelo *Diario de Noticias*, *A Vanguarda*, *O Paiz*, *O Intransigente*, *A Capital*, etc.